TERRITÓRIO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL DA POÉTICA AFRO-URUGUAIA

TERRITORY, MEMORY AND RESISTANCE: A SOCIO-ENVIRONMENTAL ANALYSIS OF AFRO-URUGUAYAN POETICS

Recebido: 10/05/2026 Aprovado: 09/06/2026 Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4560

Aline Santos de Brito Nascimento[1]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-9509-8415

Virginia Orlando[2]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-8365-0206

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão interdisciplinar acerca das interseções entre literatura negra uruguaia, ecocrítica e decolonialidade. A partir da premissa de que a literatura configura-se como um território de debate identitário e patrimônio cultural imaterial, o estudo objetiva investigar como o texto literário pode atuar na construção de um imaginário dotado de responsabilidade socioambiental. Para fundamentar a análise, recorre-se aos conceitos de topofilia, de Yi-Fu Tuan (2012), e à geopoética, de Staniek (2023), buscando compreender o elo afetivo entre o sujeito e o espaço. O *corpus* analítico contempla obras de autores afro-uruguaios como Pilar Barrios e Isabelino José Gares, cujos versos denunciam o racismo ambiental e a exclusão territorial, enquanto celebram a natureza e o espaço urbano como lugares de afeto, resistência rítmica e preservação da memória ancestral. Conclui-se que a literatura negra no Uruguai transcende a contemplação estética, constituindo-se como um dispositivo epistemológico de resistência que reivindica o direito ao lugar e à dignidade da existência afrodescendente.
Palavras-chave: Literatura Negra Uruguaia; Ecocrítica; Decolonialidade; Topofilia; Sustentabilidade Socioambiental.

Abstract: This article proposes an interdisciplinary reflection on the intersections between Uruguayan Black literature, ecocriticism, and decoloniality. Starting from the premise that literature is configured as a territory of identity debate and intangible cultural heritage, the study aims to investigate how the literary text can act in the construction of an imaginary endowed with socio-environmental responsibility. To support the analysis, the concepts of topophilia, by Yi-Fu Tuan, and geopoetics, by Staniek, are used, seeking to understand the affective link between the subject and space. The analytical corpus includes works by Afro-Uruguayan authors such as Pilar Barrios and Isabelino José Gares, whose verses

[1] Pós-Doutoranda em Letras - Universidad de La Republica (Uruguai), Doutora em Letras - Literatura pela Universidade Federal do Espírito Santo (2017), Mestre em Cultura Turismo - Interinstitucional por Universidade Estadual de Santa Cruz e Universidade Federal da Bahia (2003), Especialista em Literaturas de Língua Portuguesa (2001) e Licenciada em Letras e Artes pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1999). Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia, Docente do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras - DEDC X/UNEB. Pesquisadora nas áreas de Letras, literatura, metodologia da pesquisa, produção de texto, língua inglesa, cultura, música e revisão textual. Membro do Grupo de Pesquisa ELIOTT - Grupo de Pesquisas em Estudos Linguísticos e Literários do Território de Identidade Extremo Sul da Bahia. E-mail: abnascimento@uneb.br

[2] Dra. Virginia Orlando é linguista e professora agregada na Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação (FHCE) da Universidad de la República (UdelaR), no Uruguai. Com formação avançada em Linguística Aplicada, a sua carreira académica e científica destaca-se pela investigação focada na análise do discurso, nos mecanismos conversacionais do espanhol uruguaio, nas dinâmicas de interação social e no desenvolvimento de competências de leitura e escrita no ensino superior. Autora de publicações de referência na área, a docente concilia o ensino universitário com a coordenação de projetos de investigação institucionais e a orientação académica no Instituto de Linguística da UdelaR. E-mail: vir.orlando@gmail.com

denounce environmental racism and territorial exclusion, while celebrating nature and urban space as places of affection, rhythmic resistance, and preservation of ancestral memory. It is concluded that Black literature in Uruguay transcends aesthetic contemplation, constituting itself as an epistemological device of resistance that claims the right to place and the dignity of Afro-descendant existence.
Keywords: Uruguayan Black Literature. Ecocriticism. Decoloniality. Topophilia. Socio-environmental Sustainability.

1 Introdução

O presente estudo reúne discussões acerca da representação poética do vínculo entre a comunidade afrodiaspórica localizada no Uruguai e a natureza. Inicialmente, apresenta-se a literatura como um patrimônio cultural imaterial e um território de debate identitário. Nesse sentido, reconhece-se que a obra literária colabora para a construção de um imaginário atento à responsabilidade ambiental e à sustentabilidade social, envolvendo autoria, personas representadas e público leitor.

O artigo traz como *corpus* literário um recorte de poemas na Literatura Negra Uruguaia. O objetivo do estudo é apresentar a análise de obras de autores como Pilar Barrios e Isabelino José Gares sob a ótica socioambiental. Para tal, busca-se explicar como esses textos denunciam o racismo ambiental e reivindicam o direito ao lugar e à dignidade, unindo memória ancestral e preservação da natureza.

Como aporte teórico-metodológico, foram selecionadas algumas chaves de compreensão necessárias à consolidação das discussões aqui desenvolvidas. Pautado na interdisciplinaridade, o trabalho aborda a Ecocrítica e a Geopoética como mecanismos para entender o diálogo entre o sujeito e o espaço, ambos observados numa perspectiva decolonial, no intuito de expor a necessidade de romper com o saber colonial para reaprender o “ser e estar” na natureza através de perspectivas não antropocêntricas. Nesse interim, importa compreender o elo entre os saberes tradicionais (especificamente neste estudo, os saberes da comunidade negra no Uruguai, país de colonização espanhola) e a resistência.

No intuito de discutir a conexão dos povos tradicionais afrodiaspóricos no contexto uruguaio com a terra, o trabalho destaca os modelos de ocupação do espaço de tais comunidades voltados para a subsistência e o respeito aos recursos naturais. Tal debate se fundamenta no conceito de Topofilia, introduzido por Yi-Fu Tuan (2012), sobre o elo afetivo entre as pessoas e os lugares, fundamental para compreender a relação desses grupos com o seu entorno.

Nessa seara, cabe destacar o recorte espacial e identitário que ocupa o *corpus* analítico deste estudo: o negro no Uruguai. Como dado elementar, é mister salientar

que a história do país revela uma tentativa de invisibilidade desse grupo étnico. Assim, o trabalho ainda contextualiza a formação socioespacial do Uruguai, mencionando a tensão entre o processo abolicionista e o projeto de "branqueamento" nacional. Um outro dado que aqui se ressalta é que a ocupação territorial da comunidade negra uruguaia pode também ser verificada em toponímias, a exemplo do Rincón de los Negros, além das expressões culturais urbanas como o Candombe (manifestação cultural, musical e social de origem afro-uruguaia, baseada no ritmo dos tambores), símbolos de sua resistência.

2 Reflexões Epistemológicas: Literatura, Decolonialidade e Ecocrítica

A discussão sobre a função social da literatura pode ser pautada pela compreensão da obra como um território de debate identitário, visto que a literatura se configura como um patrimônio cultural imaterial enquanto colaboradora, dentre outros aspectos, na construção de um imaginário dotado de responsabilidade ambiental e atento à sustentabilidade. Nesse sentido, a sustentabilidade social exige a garantia dos direitos de cidadania e a redução das diferenças sociais, o que inclui o direito à representação, que pode ser assegurado, entre outras possibilidades, pela literatura.

Numa perspectiva interdisciplinar, algumas das chaves de compreensão do texto literário podem ser amparadas nos estudos da ecocrítica e geopoética, que surgem como mecanismos possíveis para entender o diálogo entre o sujeito e o espaço. Essa perspectiva promove experiências transdisciplinares que conectam arte e ciência, envolvendo interculturalidades com temas ecológicos e desenvolvendo práticas de decolonialidade que permitem uma reaprendizagem do "ser e estar" na natureza.

Nesse sentido, este estudo traz reflexões acerca das relações entre chaves temáticas como a literatura, a ecocrítica e a resistência negra, buscando também estreitar o diálogo entre a literatura e o desenvolvimento sustentável, aqui compreendido como a "gestão e administração dos recursos e serviços ambientais e a orientação das mudanças tecnológicas e institucionais, no sentido de assegurar e alcançar a contínua satisfação das necessidades humanas para as gerações presentes e futuras" (Cavalcanti, 1997, p. 55). Nesse ínterim, destaca-se o princípio da sustentabilidade social, que é "fundamentada no estabelecimento de um processo de desenvolvimento que conduza a um padrão estável de crescimento, com uma

distribuição de renda, redução das atuais diferenças sociais e a garantia dos direitos de cidadania" (Sachs, 1993, p. 90), ou seja, um sistema será sustentável se não ignorar as desigualdades; e o crescimento se tornará legítimo quando servir como uma ferramenta de inclusão e dignidade para a coletividade. Em contiguidade, Greg Garrard (2006) define a ecocrítica como um campo interdisciplinar em que a literatura media a relação entre o imaginário humano e as ciências ecológicas. Para o autor, a crise ecológica é uma "crise de representação", o que exige deslocar a estética para uma análise crítica das construções discursivas sobre o mundo biofísico. Assim, a prática acadêmica deve desconstruir binarismos e promover uma reconfiguração ética do antropocentrismo, utilizando a literatura como um laboratório essencial para a sustentabilidade e a "coexistência planetária".

Os estudos em torno do texto literário podem caminhar, dentre outras estratégias, pela compreensão do seu contexto, a exemplo de quando a obra representa de forma mais realista determinado lugar e tempo. Muitas vezes, a partir do momento em que o texto chega ao seu destino, o leitor, que absorve as informações e as retransmite de diversas maneiras, ocorre uma espécie de exercício de reescrita, até mesmo involuntária. Assim,

> Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas. Daí o estranhamento quando determinados grupos sociais desaparecem dentro de uma expressão artística que se fundaria exatamente na pluralidade de perspectivas (Dalcastagnè, 2012, p. 147).

Nesse sentido, reconhecer-se em uma obra de arte é um processo de legitimação de identidades múltiplas. De igual modo, o desaparecimento de determinados grupos sociais em expressões artísticas que deveriam fundar-se na pluralidade gera um estranhamento que denuncia a exclusão política.

Convergindo para o contexto educacional, recorre-se a Dubin (2014), que aborda que o compromisso do docente de literatura hoje exige "desandar caminhos" e ser criativo na explicação do mundo nativo com novas categorias, rompendo com o saber colonial. Assim, ainda refletindo sobre o papel da literatura na construção do conhecimento ecologicamente responsável, e sobre o fazer literário e sua relação com o ensino, Dubin (2014, p. 77) afirma:

> frente a un saber colonial que presupone el mundo social, hoy se impone, desde nuestras prácticas, desde nuestra prepotencia de trabajo, desde la conciencia de que tenemos que desandar muchos caminos y ser creativos en la necesidad de explicar el mundo nativo con categorías nuevas, la posibilidad de volver a pensar las implicancias profundas, teóricas y prácticas, complejas, contradictorias y, principalmente, plurales y diversas, del compromiso social, político, cultural y, en nuestro caso, el compromiso de ser docentes de lengua y literatura hoy, acá, en nuestra tierra.

Essa necessidade de romper com o saber colonial no espaço pedagógico, conforme proposta por Dubin (2014), ganha contornos práticos quando direcionada à crítica dos discursos ambientais tradicionais na América Latina. É nessa convergência entre decolonialidade e percepção ecológica que a análise de Marcone (2007) se torna indispensável, ao investigar como as paisagens naturais moldam as identidades no continente. Nessa direção, relacionando identidade e paisagens naturais, ao analisar a ecologia como parte integrante do cabedal temático da literatura hispano-americana, Marcone (2007) trata da ecologia da desilusão acerca do que intitula “febre da selva”.

> A lo largo del siglo XX, […] los latinoamericanos se han habituado a ver que su literatura aborda los problemas más importantes de la región. En efecto: los escritores han desplegado de manera sistemática perspectivas audaces, que sacan a la luz problemas insuficientemente representados en el discurso público. Sin, embargo, cuando se trata de prestar atención a los cambios, conflictos y debates ambientales, la literatura latinoamericana no da la impresión de satisfacer estas expectativas. Si bien es posible sacar provecho de su conocida y firme posición contra el colonialismo e las modernizaciones precipitadas, o de su recurrente reivindicación de los paisajes naturales como fuente de identidad cultural, tales actitudes no bastan para promover culturas de sostenibilidad […] (Marcone, 2007, p. 03).

O autor argumenta que a mera exaltação da natureza como símbolo de identidade nacional ou a crítica ao neocolonialismo são insuficientes para estruturar um princípio da sustentabilidade. Assim, a literatura é desafiada a transcender a visão do meio ambiente como um simples cenário de exploração humana, exigindo uma mudança de paradigma que vá além da retórica política tradicional para aceder a complexidade intrínseca da preservação ecossistêmica.

Ao também buscar uma conexão entre os estudos em torno da ecologia e a literatura, Staniek (2023) discute o diálogo entre o sujeito e o espaço a partir das artes em geral e da literatura em específico.

> A proposta expõe uma perspectiva educacional prática para envolver o tema, quando argumenta acerca da necessidade de reaprender a coexistir em equilíbrio com seu meio, dentro de suas realidades contextuais, atribuindo às artes (especialmente a literatura) um importante fator de desautomatização perceptiva e reconstrução de sentidos a este fim. Assim, como pontos relevantes na relação ecocrítica e geopoética neste trabalho, destacamos aqui: - Promover experiências inter/transdisciplinares sujeito-espaço-linguagem, - Conectar dialogicamente arte e ciência, - Envolver interculturalidades com temas ecológicos, - Desenvolver práticas de decolonialidade, - Reaprendizagem do *ser* e *estar* na natureza, - Promover jogos de linguagem como reconstrução de sentidos (Staniek, 2023, p. 22).

Nessa perspectiva, para Antunes (2002), os saberes tradicionais são formados por certa pluralidade identitária e os estudos contemporâneos devem estar atentos a estas especificidades, evitando a continuidade da disseminação de conhecimentos hegemônicos, colonialistas, substituindo-os por reflexões que reverenciem, por exemplo, as comunidades tradicionais e o respeito à natureza:

> […] são exemplos de comunidades tradicionais as populações indígenas, os caboclos ribeirinhos, os quilombolas, os pescadores artesanais as quais apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltados para a subsistência, com pouca articulação com o mercado e uso intensivo de mão de obra familiar (Antunes, 2002, p. 126).

Fica evidente, portanto, a estreita relação entre tais comunidades e a natureza, visto que o seu lar, o ambiente onde vivem, o que produzem, como se alimentam, estão intimamente ligados à terra, à produção artesanal, com impactos mínimos e ampla proteção a esse entorno. Nesse cenário, a extração de recursos materiais, como plantações, pesca, caça, e o uso da água são realizados de forma que não sejam causados o esgotamento e, ou a destruição de tais fontes.

Varela e Schütz (2026, p. 52) sustentam que os conhecimentos de comunidades tradicionais são epistemologias críticas essenciais contra a crise ambiental, visto que costumam utilizar tecnologias de manejo e resiliência que desafiam a lógica extrativista hegemônica. Portanto, validar esses saberes ancestrais é um imperativo ético e uma “necessidade pragmática para a formulação de novos paradigmas de sustentabilidade” que garantam a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas.

Contudo, a validação desses saberes tradicionais e a manutenção de suas tecnologias de manejo pressupõem, fundamentalmente, a garantia física e jurídica de sua permanência na terra. Desse modo, a dimensão ecológica passa a depender

intrinsecamente de uma disputa geopolítica, cenário que remete às formulações clássicas de Ratzel (2019 apud Haesbaert, 2021) sobre o espaço como condição primária de sobrevivência das sociedades.

Para Ratzel (2019 apud Haesbaert, 2021), a sobrevivência de um agrupamento humano não depende apenas de recursos isolados, mas da disponibilidade de território para se expandir ou manobrar diante de ameaças externas. Nessa perspectiva, o conflito vital entre as sociedades é transposto para uma dimensão geométrica, onde o controle do solo dita o ritmo da história e a viabilidade da existência, conforme se observa na seguinte passagem:

> A expressão – muito mal-empregada e mais ainda mal compreendida – "luta pela existência" [Kampf ums Dasein] significa, na verdade, em primeiro lugar, luta por espaço. Pois espaço é a primeira de todas as condições de vida e no espaço se mensura a medida de outras condições de vida, sobretudo a alimentação. Na luta pela existência, é destinado ao espaço um significado semelhante àqueles pontos máximos decisivos das lutas dos povos que designamos de batalhas. Em ambos os casos, trata-se da aquisição de espaço em movimentos de avanço e recuo. Na medida em que aquele que é atacado tem espaço, pode esquivar-se; mas se o espaço for estreito, a luta se dá desesperadamente (Ratzel, 2019, p. 107 apud Haesbaert, 2021, p. 30).

Assim, ao contrário das visões que limitam o território a uma base física, a geografia contemporânea foca na subjetividade e na diversidade social. Rogério Haesbaert (2021) propõe que espaço e tempo são construções indissociáveis das práticas simbólicas de cada grupo. Desse modo, a identidade de uma sociedade molda e é moldada pelo seu meio, pois, como destaca o autor, "cada cultura elabora sua própria concepção de tempo e espaço e, de algum modo, com ela 'se produz' e 'se move'" (Haesbaert, 2021, p. 36).

Esse cenário leva a crer que, para estabelecer uma distinção entre a materialidade visível e a dinâmica social que compõe o território, é preciso diferenciar o cenário físico da experiência vivida. Nessa linha de raciocínio, deve-se superar a visão da superfície terrestre como um mero objeto estático, passando a enxergá-la como um campo de forças onde o tempo histórico e a ação humana se fundem. Diante do exposto, percebe-se a paisagem como um registro do passado e o espaço como a síntese pulsante entre a forma e a vida social:

> Enquanto a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas

> entre homem e natureza, o espaço são essas formas mais a vida que as anima. A paisagem seria a porção visualmente abarcável da configuração territorial, conjunto de elementos naturais e artificiais que caracterizam fisicamente uma área. O espaço resulta da intrusão da sociedade, das suas necessidades e funções atuais, nas formas-conteúdo atuais ou herdadas do passado (Tonucci Filho, 2013, p. 45).

Se o espaço geográfico resulta dessa intrusão das necessidades sociais nas formas herdadas do passado, para as comunidades de matriz africana essa dinâmica ganha uma camada ainda mais profunda, onde a matéria e a espiritualidade se fundem. A configuração territorial dessas populações deixa de ser apenas um arranjo biofísico ou econômico e passa a ser vivenciada como um fluxo integrado de interdependência ontológica.

Essa relação com o lugar é definida por Yi-Fu Tuan (2012) como topofilia, na qual o mundo humano é compreendido pelos sentimentos e laços com a natureza. Tuan (2012, p. 144) ressalta que a "consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar", alertando que o desenvolvimento não sustentável ameaça o futuro. No entanto, em sociedades complexas, surge a valorização da "simplicidade da natureza" (Tuan, 2012, p. 148), gerando uma necessidade de retorno ao natural. Em suma, grupos como os de matriz africana revelam "um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza [...] e dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar" (Tuan, 2012, p. 148).

A relação dos povos tradicionais com o meio ambiente é um fluxo integrado de interdependência ontológica, no qual a natureza é um repositório sagrado de memórias e subjetividades - uma "ecossistêmica da alma". Nessa visão, a sustentabilidade deixa de ser técnica para se tornar um imperativo espiritual e geracional; o manejo do território é mediado pela consciência dos antepassados, garantindo a integridade material e energética para as "linhagens vindouras".

> A preocupação com o presente e o futuro são ocasionadas pelas experiências do passado e pelo vínculo com a ancestralidade, cujas almas espalhadas pela natureza – na floresta, no mar, nas pedras, nas grandes arvores, na terra, nos animais –, ligação esta que é permanente e atravessa todas as gerações. Esses povos acreditam que ainda estão ligados aos ancestrais e que o meio que oferece condição para esse veículo permanente com a energia desses ancestrais é a natureza, como condição de garantir a vivência das próximas gerações, por isso, sempre procuram se conectar com a consciência desses ancestrais quando vão agir para explorar algo da natureza (Ca, 2022, p. 301).

Nas literaturas africanas, a natureza é um prolongamento do “eu” e da ancestralidade, confrontando a “falha ecológica” do colonialismo e suas lógicas extrativistas. A escrita contemporânea atua como resistência para restaurar o elo em que o meio ambiente é a “corporificação dos antepassados”, unindo ecologia e cosmogonia para reafirmar a indissociabilidade entre a memória e a terra:

> […] a natureza sempre está representada nas literaturas africanas como parte integrante da sua vivência e do seu vínculo com os ancestrais. Todavia, sempre importante considerar, a colonização desestruturou esses valores reais do homem africano enquanto parte da natureza, o que criou falhas ecológicas. Apesar disso, as escritas literárias sempre trazem em forma de representação essa conexão e o vínculo do homem africano com a natureza e consequentemente com os seus ancestrais como sendo a própria natureza (Ca, 2022, p. 303).

Em suma, o cruzamento entre o fazer literário, o pensamento decolonial e a ecocrítica propõe uma transição epistemológica necessária. Ao desafiar a lógica que separa o humano da natureza e o saber ocidental dos saberes ancestrais, é possível que a literatura atue além da função de representação, mas também como um espaço de resistência e reexistência. Desse modo, a análise literária deixa de ser um exercício exclusivamente estético para se tornar um compromisso com a justiça ecológica e social, reconhecendo que a restauração da terra e a descolonização das cosmovisões são processos indissociáveis.

3 Cartografias da Resistência: Território e Memória Afro-Uruguaia

A compreensão da formação socioespacial do Uruguai exige o reconhecimento da profunda e sistemática presença da população de origem africana, cuja trajetória transita entre a brutalidade do sistema escravocrata e a resistência cultural que define a identidade nacional contemporânea. A experiência negra na região do Rio da Prata revela-se através da organização logística do tráfico transatlântico e de uma cartografia de nomes que denuncia tanto o isolamento forçado quanto a persistência de territórios próprios. Ao analisar o processo abolicionista, os vestígios arqueológicos de entrepostos coloniais e as manifestações rituais como o Candombe, percebe-se um movimento contínuo de disputa pela memória: de um lado, as tentativas históricas de “blanqueamiento” e invisibilização; de outro, a afirmação de uma ancestralidade que, ao ser reconhecida como patrimônio imaterial da humanidade, reafirma o protagonismo negro na construção da vida social uruguaia.

> El proceso abolicionista en la Provincia Cisplatina /República Oriental del Uruguay fue paulatino, a través de la Ley de Libertad de Vientres (1825) y las leyes de abolición en 1842 con aplicación en Montevideo y de 1846 en la campaña (Borucki, 2017). En la coyuntura histórica abierta tras la Guerra Grande (1839-1851) muchos esclavizados obtuvieron la libertad por haber combatido en ambos ejércitos. […] El estrecho vínculo socioeconómico con el sector brasileño, cuya ley de abolición de la esclavitud - Ley Áurea - no se dictó hasta 1888, propició nuevas formas de explotación social (Borucki, 2009; Borucki et al., 2004 apud Febrero, 2025, p. 23).

Vê-se assim que abolição no Uruguai foi um processo ambíguo e fragmentado, influenciado pelo Brasil escravagista e marcado por concessões como o serviço militar. Essa transição gerou uma “geografia da exclusão”, visível em toponímias de alteridade como “Rincón” ou “Cañada de los Negros”, que isolaram grupos antes de sofrerem apagamento oficial e expuseram uma tentativa de aquilombamento contemporâneo. Assim, a mudança jurídica para a cidadania envolveu uma disputa espacial onde a presença negra oscila entre a “estigmatização do nome” e o “silenciamento cartográfico” do branqueamento nacional.

> Las marcas de las territorialidades afrodescendientes más explícitas pueden reconocerse en la toponimia y la hidronimia. Las más notorias del territorio uruguayo son: El Rincón de los Negros y Cañada de los Negros, en el departamento de Rocha; Rincón de los Negros, Arroyo de los Negros y Salto de los Negros, en el departamento de Durazno (Thomasset, 2024); Rincón de los Negros, en el departamento de Río Negro; Laguna de los Negros y Playa Encantada / de los Negros, en el departamento de Soriano (Hourcade, 2015). La reiterada denominación "de los negros" como imposición toponímica de carácter exónimo, eventualmente asimilada por los pobladores, manifiesta la construcción de la alteridad en función del apartamiento socioterritorial. […] La gradual invisibilización en la cartografía oficial corresponde al proyecto sistemático de blanqueamiento nacional (Febrero, 2025, p. 30).

A descoberta de remanescentes ósseos no sítio arqueológico “Caserío de los Negros”, em Montevidéu, evidencia a centralidade geopolítica do Uruguai colonial na logística do tráfico transatlântico no Rio da Prata. O local, um importante entreposto de quarentena do século XVIII, confronta historiografias que subestimavam a magnitude da escravidão na região platina.

Ainda nesse cenário, a análise bioarqueológica dos vestígios de um jovem africano encontrados em Montevideo revela a vulnerabilidade e os impactos biopolíticos do desterro forçado. Ali, a presença de rituais de sepultamento indica a persistência de traços identitários contra a desumanização mercantilista. Sobre o

tema, as investigações da Universidade da República (Udelar) atuam como reparação simbólica e memória coletiva, exigindo uma revisão crítica da formação do Uruguai e expondo as raízes coloniais da exploração de corpos negros no desenvolvimento regional.

Hodiernamente, a persistência das territorialidades negras no Uruguai encontra sua expressão máxima e mais vibrante na ocupação rítmica e simbólica do espaço urbano de Montevidéu durante as festividades populares. Percebe-se que as práticas culturais de resistência - centradas no tambor e na ancestralidade - forçaram a abertura de fendas na estrutura social do país. O Carnaval uruguaio, nesse sentido, vai além de um evento sazonal, tornando-se um palco de reafirmação no qual o protagonismo negro se desloca das margens para o centro da visibilidade pública, conforme detalhado por Rosa (2018):

> Atualmente, o carnaval em Montevidéu é aberto pelo Desfile Inaugural, o qual abarca todas os conjuntos (agrupaciones) representativos do carnaval e também os carros alegóricos e as intituladas reinas (rainhas). Uma semana depois, é dado o início do período carnavalesco mais esperado pela população montevideana. São as conhecidas “Llamadas Oficiales del Candombe”, que levam milhares de pessoas durante dois dias aos bairros Sur e Palermo. Cabe ressaltar que após o ano de 2009, a UNESCO, ao reconhecer tal manifestação como Patrimonio Immaterial de la Humanidad, fez com que o movimento deixasse de ser um espólio considerado apenas pelos descendentes da diáspora negra, passando então a ser “de todos”, transcendendo assim em uma fomentação da cultura e referência na afirmação étnica (Rosa, 2018, p. 58).

Dessa forma, o reconhecimento internacional do Candombe pela UNESCO consolidou uma mudança de paradigma, elevando uma prática antes marginalizada ao *status* de pilar da identidade nacional uruguaia. Essa “patrimonialização” do espaço e do ritmo nos bairros Sur e Palermo atua como uma ferramenta ambivalente: ao mesmo tempo em que promove a valorização e o pertencimento coletivo, impõe o desafio de garantir que a apropriação da festa pelo conjunto da sociedade não apague a origem étnica e as lutas políticas da comunidade afrodescendente. O desfile das “Llamadas” reafirma, portanto, que o espaço urbano é um campo de forças em que a memória da diáspora se atualiza, transformando o trauma histórico em uma potente ferramenta de afirmação cultural e visibilidade no presente.

4 Representação Socioambiental na Literatura Negra Uruguaia

A análise da literatura negra uruguaia sob uma perspectiva socioambiental busca identificar de que forma o texto literário pode atuar como um repositório crítico das tensões entre o corpo negro e o meio que o circunda. Nesse sentido, o ambiente - seja a natureza rústica do interior ou os cortiços (*conventillos*) e bairros periféricos de Montevidéu - é representado como um elemento estruturante da identidade e da memória diaspórica. Pode-se perceber, no acervo literário do Uruguai, que autores afro-uruguaios frequentemente articulam em suas obras uma denúncia contra o racismo ambiental e a exclusão territorial, ao mesmo tempo em que celebram a natureza e o espaço urbano como lugares de afeto, resistência rítmica e sagrado. Assim, a representação socioambiental nesta literatura documenta a geografia da segregação e também reconstrói uma ecologia política e cultural que reivindica o direito ao lugar e à dignidade da existência afrodescendente na região.

Historicamente, as primeiras menções ao negro na literatura uruguaia foram produzidas por autores não negros, como o exemplo do “Canto patriótico de los negros”, de Francisco Acuña de Figueroa. Em estudo sobre as línguas africanas no Uruguai, Bertolotti e Coll (2014) destacam o canto, publicado originalmente em 1834 no periódico *El Universal* sob o pseudônimo coletivo de “Sinco siento Neglo de tulo Nasione”, que representaria um marco ambivalente na literatura uruguaia do século XIX. Embora celebre conquistas jurídicas como a Lei de Liberdade de Ventres e a Constituição, a obra foi escrita por um letrado branco, o que lhe confere um caráter de paródia documental. Conforme destacam diversos analistas linguísticos, esse texto assume uma função fundacional ao inaugurar uma convenção estética e política na imprensa de Montevidéu: a representação da voz e da dicção do africano mediada pela escrita das elites intelectuais, estabelecendo um modelo de “fala do negro” que seria reproduzido em práticas textuais posteriores ao longo do século.

CANTO PATRIÓTICO DE LOS NEGROS
Celebrando a la ley de libertad de vientres y a la Constitucion

CORO DE NEGROS.
Viva len Conditusione,
Viva len Leye Patlisia,
Que ne tiela den balanco
Se cabó len dipotíma.
Lingo, lingo, lingo,
Linga, linga, linga,
Que ne tiela den balanco
Se cabó len dipotíma.
1.ª Estrofa.
Compañelo di Candombe
Pita pango e bebe chicha,
Ya le sijo que tienguemo
No se puele sé cativa:
Po leso lo Camundá,
Lo Casanche, lo Cabinda,
Lo Banguela, lo Monyolo,
Tulo canta, tulo glita.
CORO.— Viva len Conditusione,
Viva len Leye Patlisia & e
2.ª Estrofa.

Ne tiempo den Potugá
Y ne tiempo den Galisia,
Le Flicana lisendensia
Tlito secrava nasia:
Ma luego ne Solisonte
Lo Sol melicano blilla,
Alojando dese Oliente
Len calena le Mandinga.
CORO. […]
3.ª Estrofa.
Changalole, vivau Dioso!
Y á ete Patlia tan quelila
Que da lible nue e sijo
Len colasone se linda:
A lon buena Liputalo,
Len Gupéno Gicutiva,
Cantemo nese batuque
Con tambole y con malimba.
CORO FINAL
[…] Que ne tiela den balanco
Se cabó len Dipotíma:
Lingo, lingo, lingo,
Linga, linga, linga,
Que ne tiela den balanco
Se cabó len Dipotíma
(Sinco siento Neglo de tulo Nasione apud Bertolotti; Coll, 2014, p. 133-135).

Buscando identificar a relação entre o poema “Canto Patriótico de los Negros” e a sustentabilidade socioambiental, é válido focar na justiça social, a dignidade humana e a manutenção das identidades culturais como parte do conceito de sustentabilidade. Nesse sentido, o texto combate discursivamente um sistema que desumaniza e mercantiliza a vida, propondo sociedades equitativas.

Outro aspecto observado é a garantia de que as gerações futuras tenham acesso a direitos e recursos. O poema enfatiza repetidamente que os filhos das pessoas escravizadas não serão mais cativos (“Ya le sijo que tienguemo / No se puele sé cativa”). Essa proteção do futuro é a essência do pensamento sustentável aplicado ao tecido social.

Somado a isso, é possível identificar no poema a menção a diversas etnias e nações africanas (Camundá, Casanche, Cabinda, Banguela, Monyolo) e práticas culturais (Candombe, batuque, tambole, malimba), abordando sua a diversidade cultural. Assim, ao manterem seus nomes e ritos em um novo território, esses povos preservam saberes ancestrais que são fundamentais para uma relação não predatória com o ambiente.

As autoras ainda salientam que, embora outros textos do período sejam mais conhecidos, a imprensa de Montevidéu também registrou, já em outubro de 1831, aquele que é considerado o primeiro manifesto de protesto contra a escravidão no Uruguai, o "Canto de un africano que vive en la Cañada de los Negros". Publicado no periódico *El Indicador* e assinado pelo pseudônimo Quindongo, o texto utiliza uma recriação da fala dos africanos da época para denunciar a continuidade do tráfico negreiro, que persistia ilegalmente sob o disfarce de comércio de mercadorias. Para Bertolotti e Coll (2014), o autor do canto questiona severamente a omissão do governo e a conivência das elites brancas diante do desembarque de escravizados no porto

de Montevidéu, argumentando que tal prática violava as leis fundamentais daquela que deveria ser uma “terra de liberdade”.

Bertolotti e Coll (2014) também analisam as letras das comparsas montevideanas da segunda metade do século XIX, afirmando que também atuaram como um espaço de reconstituição do linguajar dos afrodescendentes. Um exemplo dessa prática são as composições do grupo “Pobres Negros Orientales”, datadas de 1870, cujos fragmentos foram preservados em periódicos como *El Ferro-carril*. Esses textos, que incluem gêneros como tangos, despedidas e brindes de carnaval, documentam como a voz e a expressividade da comunidade negra eram representadas e levadas ao espaço público durante as festividades carnavalescas do período.

NEGO MADRINGA TOCÁ TAMBÓ
Paque este nego baire a su só.
¡Jesú qué fuete! Bajo e mijó
Cómo paprita mi colazó.
Torontonton. Ay, mi colazó […]
Solo:
Porque soy negro se burlarán
estas bellas orientales de mi color.
Y aunque moreno color oscuro
Yo se lo juro que sé adorar.
Coro:
Juá, juá, qué negro tan orgulloso,
tan pretensioso como un señor.
Ahora nos mira con sus caricias
Después que el ama no lo atendió.
Despedida
Ya nos vamos niñas/en retirada
con un sentimiento/de no estar más
pues llevamos grabado/el corazón
de sus tiernas miradas/de compasión
(Pereda Valdés apud Bertolotti; Coll, (2014).

Este poema de 1876, pertencente à comparsa carnavalesca Raza Africana de Montevidéu, da autoria de Ildefonso Pereda Valdés, é uma peça histórica que dialoga com a sustentabilidade socioambiental através de duas dimensões: a justiça social (o pilar social) e a crise de confiança econômica (o pilar da governança e subsistência). Assim, os versos envolvem a manutenção de comunidades humanas, o respeito à diversidade e a erradicação da exclusão social.

O poema também destaca o racismo estrutural da época (“Porque soy negro se burlarán”), salientando que a exclusão de uma parcela da população (a comunidade afro-uruguaia) gera um desequilíbrio social que impede o desenvolvimento pleno da sociedade. De modo semelhante, o uso do dialeto e do tambor (“tocá tambó”) representa a preservação cultural.

Em se tratando da produção de autores negros, a *Antología de Poetas Negros Uruguayos*, organizada pelo intelectual, jornalista e investigador afro-uruguaio Alberto Britos Serrat (1990), resgata e colabora para a preservação da produção literária de autores afro-uruguaios desde o final do século XIX até meados do século XX. A obra reúne uma diversidade de textos que incluem desde cantos patrióticos e canções de

comparsas de candombe até poemas líricos e de protesto social, culminando num importante registro da identidade, da memória e da resistência cultural da comunidade negra no Uruguai. O conteúdo da antologia destaca figuras centrais da intelectualidade afro-uruguaia, como Pilar Barrios e Juan Julio Arrascaeta, apresentando biografias que contextualizam suas trajetórias de luta pela elevação cultural e social de sua raça. Através de temas como a ancestralidade africana, a crítica à discriminação racial, a exaltação da liberdade e a vida nos bairros tradicionais de Montevidéu, o livro documenta uma voz literária que, embora muitas vezes excluída dos cânones oficiais do país, demonstra potência artística e compromisso com a justiça social.

Os poemas elencados na obra se conectam aos saberes tradicionais, à ancestralidade e à relação com o meio (elementos fundamentais da sustentabilidade socioambiental) e tematizam, dentre outros aspectos, a resistência cultural e a conexão com a terra. Também focam na relação entre o território, a memória ancestral e os impactos do progresso urbano.

A citada antologia traz a republicação do poema “Las Lavanderas de Antaño”, de Isabelino José Gares, que foca na perda de território e na mudança da paisagem natural. Os versos descrevem a transformação de um ecossistema natural pela chegada do “progresso”, que silencia práticas tradicionais ligadas à água e à terra.

LAS LAVANDERAS DE ANTAÑO
(Al Dr. Ildefonso Pereda Valdés)
Ya no lavan las lavanderas
en el agua del arroyo,
que unía siempre afanoso,
y siempre manso,
siempre fresco y cristalino.
No esta el cauce,
la blanca arena
ni los aburridos sauces,
enfermos de melancolía.
Y las primorosas frutillas
que eran dulces como los besos
de una boquita de grana.
Las llevaron, silenciosamente...
los pródigos vientos del progreso!
Y el puñado de morenas
de las viejas lavanderas
que colmaban jubilosas
de exótica policromía,
al romántico paisaje.
[…]
Lavan, lavan, lavan
las morenas lavanderas
el sol no les quemó sus cutis
el frío no les abrió la piel.
Lavan, lavan, lavan
las morenas lavanderas
con estoica mansedumbre,
con fe infinita al trabajo,
y al amor supremo a Dios
(Gares apud Britos Serrat, 1990, p. 58).

A abordagem socioambiental destes versos pode ser apontada em duas principais camadas temáticas. Inicialmente, há menção à degradação do ambiente natural: “Ya no lavan las lavanderas/ en el agua del arroyo,/ que unía siempre afanoso,/ y siempre manso,/ siempre fresco y cristalino./ No esta el cauce,/ la blanca

arena/ ni los aburridos sauces...". Outro aspecto a ser destacado trata do impacto do "progresso" sobre o modo de vida tradicional: "Las llevaron, silenciosamente.../ los pródigos vientos del progreso!/ Y el puñado de morenas/ de las viejas lavanderas/ que colmaban jubilosas/ de exótica policromía,/ al romántico paisaje".

No poema "Canto Negro", de Clelia Núñez Altamiranda, é possível identificar elementos que evidenciam as marcas da memória ancestral e a conexão com a natureza (nos versos representada pela selva). A natureza é, então, apresentada como o berço da identidade e da força da comunidade tradicional africana, destacando a ruptura causada pela exploração externa.

CANTO NEGRO
(Poema en 3 cantos)
Canto que llega del fondo
de las selvas africanas.
Canto que canto
Nostalgia y llanto
Manos batiendo los parches
Negros bailando
Plenilunio que refleja,
Palmeras en lontananza
Canto con voz de esperanza
Que en la selva resonó.
Venus negra que soñaste
Romance en la noche blanca.
Blanca como la ilusión.
Raza fuerte, vigorosa
de la selva esplendorosa
eres la dueña y señora.
Pero tu gran poderío
Y el fulgor de los tesoros
que el Africa poseía
habrían de ser el imán
que a tus costas llevaría
al traficante ambicioso
que destrozara tu hogar […]
(Altamiranda apud Britos Serrat, 1990, p. 89).

A selva pode ser compreendida como território de identidade, um lugar onde os caracteres que moldam a singularidade se assentam, como pode ser observado nos versos a seguir: "Canto que llega del fondo de las selvas africanas. [...] Palmeras en lontananza / Canto con voz de esperanza / Que en la selva resonó". Em oposição, esse lugar, que é lar e é parte da identidade, por vezes se torna espaço de domínio do outro, a partir de situações de invasão e exploração predatória, a exemplo dos versos reivindicatórios adiante: "Raza fuerte, vigorosa / de la selva esplendorosa / eres la dueña y señora. / Pero tu gran poderío / [...] habrían de ser el imán / que a tus costas llevaría / al traficante ambicioso / que destrozara tu hogar".

Ainda seguindo o argumento de que a sustentabilidade socioambiental também engloba a justiça social e a preservação da cultura em comunidades urbanas, como pode ser observado em alguns bairros de Montevidéu, examina-se o poema "Barrio Reus del sur":

BARRIO REUS DEL SUR
Para ti barrio querido
mi barrio Reus del sur,
estás en mi muy metido
como en los ojos la luz.
Barrio de los viejos "Congos"

y de los “Libertadores”
te tengo muy en lo hondo
oh! barrio de mis amores.
Con sus casitas iguales
a manera de colmenas,
cantan en los carnavales
tus negros y tus morenas.
Aquí no se sienten penas
tiene su imperio el tambor
en la lonja cuando suena
el dulce borocotó.
Quien te siente como yo
en carnaval y año nuevo,
y también el 6 de enero
en esa calle cortita
que antes fue Particular
(Suarez apud Britos Serrat, 1990, p. 113).

Assim como fora identificado no poema “Canto negro” que a selva integra a formação identitária de um povo, o território urbano também ocupa essa função, visto que pode ser compreendido como espaço de resistência cultural. No poema “Barrio Reus del Sur”, de José Roberto Suarez, a comunidade é descrita como uma “colmeia” na qual a tradição do tambor mantém a coesão social: “Con sus casitas iguales / a manera de colmenas, / cantan en los carnavales / tus negros y tus morenas. [...] tiene su imperio el tambor / en la lonja cuando suena / el dulce borocotó”. A metáfora da colmeia remete à noção de comunidade; não apenas uma comunidade isolada ou apartada de um lócus próprio, e sim um grupo que se sente unido e se reúne em lugares que remetem ao seu passado, sua ancestralidade, como é o caso do bairro Sur em Montevideo.

Outro importante exemplar de representação da identidade negra e sua relação com a natureza pode ser apontado no poema “Negra”, de Pilar Barrios. Nos versos, pode ser apontado o reconhecimento da natureza como origem, a mãe. Também a corda da pele é mencionada como elementos atribuído à natureza, pertencente a esse campo, mas que seu tratamento depende de construções sociais que, muitas das vezes, são equivocadamente formuladas.

NEGRA
Negra
A mi me dijeron negra
¡Dios mío! ¡Cuánto me reí!
Porque quien me lo dijera,
no era más que un infeliz
Uno de esos seres fatuos
que se encuentran por doquier,
que no saben, que no saben
pero que creen saber.
Y adoptaron poses y gestos
de persona superior;
y hablan con empaque austero
para impresionar mejor,
y van haciendo un desfile
de genios al por mayor,
para hacer ver que son dueños
de una gran erudición...
Y así nos hablan de Homero,
de Confucio o Cicerón,
e ignoran de aquí a Zorrilla,
a Herrera y Reissig y a Rodó.
Tal el señor que con énfasis,
petulancia y rigidez,
me señalara con mofa
la negrura de mi ser.
¿Acaso soy yo culpable
o debo sentir vergüenza,
por el color que medio
la Madre Naturaleza.
Si es la vida un accidente,
como el nacer y el morir
y en el correr de la vida,
puede el pigmento influir.
Hay mil distintos factores
que deben intervenir;

y eso, a un blanco, como a un negro,
igual le puede ocurrir.
Natural que una piel blanca
tersa y aterciopelada,
aunque no llene el espíritu,
llena siempre la mirada.
Y aún más, a quien lo deslumbra
el brillo de lo exterior,
por qué no ve las tinieblas
oculto en lo interior...

El miedo, la inteligencia,
el régimen que vivimos,
el grado de ilustración
e instrucción que recibimos.
Son las únicas causales
y por ende el gran factor
lo demás, son derivados
de la línea de color […]
(Barrios apud Britos Serrat, 1990, p. 74).

A autora reivindica o pertencimento à natureza como forma de dignidade, opondo-se às construções sociais discriminatórias: "¿Acaso soy yo culpable / o debo sentir vergüenza, / por el color que medio / la Madre Naturaleza". Também critica aqueles que valorizam o estrangeiro em detrimento dos componentes locais. Ela defende que o valor de um indivíduo também está ligado ao reconhecimento e ao amor pelo seu lugar de origem.

Em suma, o acervo poético afrocentrado uruguaio está repleto de imagens que denotam a preocupação com a noção de sustentabilidade socioambiental, especialmente quando se remete à terra como lócus da liberdade. Assim, a relação com a natureza nestes poemas é paisagística e política concomitantemente. A terra é vista como o espaço da liberdade perdida ou a ser reconquistada, essencial para a manutenção da vida, dos elementos culturais, da identidade. Em muitos desses casos, elementos da fauna e da flora personificam o desejo de integração ao meio ambiente. Concomitantemente, a despeito de toda tentativa de marginalização, o espaço urbano se torna o lugar da vivência coletiva e da preservação da ancestralidade negra e dos saberes tradicionais.

5 Considerações finais

As reflexões aqui reunidas demonstram que a poética afro-uruguaia tensiona a tradição literária do Uruguai ao introduzir ritmos, oralidades e cosmovisões próprias da matriz africana. Essas considerações convergem com a proposta teórica deste trabalho, ao reafirmar que a literatura, aliada à ecocrítica e à decolonialidade, serviu para iniciar a desconstrução da visão antropocêntrica e colonial que antes dominava o cenário literário do país.

As análises realizadas permitiram validar a tese de que a literatura afro-uruguaia é uma produção que ultrapassa a função estética, configurando-se como um

dispositivo político que liga o “ser” ao “estar” na natureza. Isso se confirma ao identificar em versos desta produção poética a abordagem do lugar enquanto espaço de resistência, demonstrando a topofilia, ou o elo com o território, como um mote constante.

Vale salientar que os autores estudados representaram em seus versos tanto o espaço urbano quanto o rural, transformando o espaço da selva ancestral, por um lado, e dos bairros, por outro, a exemplo dos bairros Sur e Palermo, em territórios de afeto e resistência, criando um cenário de “aquilombamento contemporâneo”. Para a comunidade negra, a sustentabilidade está ligada à preservação da memória e do “tempo da terra”, contrapondo-se à lógica predatória do “progresso”, como visto no poema “Las Lavanderas de Antaño”.

O acervo da poética negra uruguaia configura-se como um exemplar de como a literatura pode funcionar como instrumento de reparação simbólica, visto que funcionou e funciona como recurso em prol do enfrentamento da invisibilidade. Assim, foi possível constatar que a poesia negra uruguaia ajuda a combater o “silenciamento cartográfico” e o projeto de branqueamento que marcou a história do país. Considerando que este é um dos aspectos que promove a noção de justiça socioambiental, é possível pontuar que a dignidade humana e o direito ao território são indissociáveis da conservação ambiental nas comunidades tradicionais, e o cenário uruguaio permitiu que esse contexto pudesse ser observado e analisado.

Em suma, retomando a proposta de Dubin (2014) acerca do compromisso do docente e do pesquisador para “desandar caminhos” coloniais, destaca-se aqui a construção do estudo para a confirmação da função social da literatura enquanto impulsionadora de mudanças. Por outro lado, reconhece-se os desafios advindos desse tipo de trabalho, que envolve uma gama considerável de fatores, incluindo diversos públicos, com perfis individualizados, dotados de complexidades e contextos diversos. Um outro desafio que aqui se ressalta é a constatação de que, apesar de o Candombe configurar-se como patrimônio da UNESCO, a luta contra o racismo ambiental e a exclusão social no Uruguai ainda é uma realidade, visto que este é um processo contínuo e inacabado.

Em última análise, o entorno em que a comunidade negra uruguaia está inserida carece da busca por um novo paradigma de sustentabilidade para as próximas gerações, pautado no respeito à ancestralidade e à integridade da terra.

Conclui-se, portanto, que o cuidado com a terra seja a contextualização no espaço e no tempo do cuidado com a própria memória e identidade de um povo.

Referências

ANTUNES, P. **Diversidade biológica e conhecimento tradicional associado.** Rio de Janeiro. Lumen Iuris, 2002.

BERTOLOTTI, V.; COLL, M. **Retrato lingüístico del uruguay**: un enfoque histórico sobre las lenguas en la región. Universidad de la Republica. Montevidéu: Ediciones Universitarias-UCUR, 2014.

BRITOS SERRAT, Alberto (org.). **Antología de poetas negros uruguayos.** Montevidéu: Mundo Afro, 1990.

CA, Ianes Augusto. Literatura e meio ambiente: uma perspectiva ecopoética (poesia-terra) em Voltar ao poilão de Tony Tcheka. **Remate de Males**, Campinas-SP, v. 42, n. 2, p. 285-312, jul./dez. 2022.

CAVALCANTI, A. et al. **Desenvolvimento sustentável e planejamento**: bases teóricas e conceituais. Fortaleza: UFC - Imprensa Universitária, 1997.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

DUBIN, M. Descolonizar la lengua y la literatura (o por qué continuamos oteando el mundo desde las carabelas de Cristóbal Colón). *El toldo de Astier*. 2014, v. 5, n. 9, p. 68-81.

FEBRERO, Valentina et al. **Transiciones de la esclavitud en el siglo XX**: los rancheríos rurales de población afrodescendiente en el departamento de Rocha, Uruguay. Rocha: Departamento de Ciencias Sociales y Humanas/CURE/Udelar, 2025. (El faro social del CURE, n. 01).

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. de Vera Ribeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografía; Universidade Federal Fluminense, 2021.

MARCONE, J. Fiebre de la selva: ecología de la desilusión en la literatura hispanoamericana. Conferencia de Jorge Marcone. **Centro Cultural del BID**, nov., 2007, n. 58.

ROSA, Naiane Ribeiro. **Candombe uruguaio**: reflexões etnográficas sobre identidade e negritude a partir de uma Mama Vieja – Yully da Chaga. 2018. Trabalho

de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SACHS, I. Estratégia de Transição para o Século XXI. In: BURSZTIN, M. (org.). **Para pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

STANIEK, J. Geopoética e ecocriticismo: diálogos entre sujeito e espaço em "transforma-ações". In: DA CRUZ, A.; LIMA, M.; İLGÜREL, M. **Poéticas contemporâneas:** ecocrítica e imaginário. Cascavel - PR: Unioeste, 2023.

TONUCCI FILHO, João Bosco Moura. Espaço e território: um debate em torno de conceitos-chave para a geografia crítica. **Revista Espinhaço**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 41-51, 2013.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VARELA, Simone; SCHÜTZ, Jenerton Arlan. Saberes ancestrais e educação: reflexões sobre a cultura afro-brasileira e indígena e a preservação ambiental. **IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS)**, [s. l.], v. 29, n. 10, p. 51-55, out. 2024. Disponível em: http://www.iosrjournals.org. Acesso em: 18 fev. 2026.